

OS ENCONTROS DAS FOLIAS DE REIS: UMA DIFERENTE CONFIGURAÇÃO DE FESTAS E ASSOCIAÇÕES NO TRIÂNGULO MINEIRO

Márcio Bonesso*

RESUMO: este artigo é resultado de um estudo etnográfico de Folia de Reis que abarca além dos rituais e práticas que criam suas condições de existência, os espaços de sociabilidade que lhe são contíguos. Portanto, descreve e interpreta uma diferente dinâmica de ritmo, musicalidade e sentimentos que vêm e vão do cotidiano dos foliões para o repertório e estrutura da festa e, ao mesmo tempo, da festa para suas vidas. A cidade de Romaria foi tomada como referência e ponto de partida para análise de outras festas da região do Triângulo Mineiro por ser justamente o lugar que reúne o universo mais diverso de fiéis e foliões e, de certo modo, um pólo de onde irradia um jeito de organizar e disseminar essas festas. A partir da década de 70, uma diferente configuração de festas — os encontros de folias de reis — surgiu na cidade e se irradiou para várias outras cidades da região. Nessa época, uma nova forma de organização das folias de reis também surgiu — as associações de folias de reis — organização social de vários grupos de uma mesma cidade numa estrutura burocrática.

PALAVRAS-CHAVE: festas. Rituais. Folia de Reis. Romarias.

ABSTRACT: this research is an ethnographic study of “Folia de Reis”, (a kind of catholic party of kings and merry-makers) that analyzes more than their rituals and practices, but also embraces

* É músico e mestre em Ciências Sociais, defendeu a dissertação *Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro*, na UFSCar, São Carlos em 2006. Esse artigo é parte desta dissertação que teve o apoio da FAPESP. Agradecimento aos professores João Marcos Alem e Karla Adriana Bessa da UFU, ao orientador Luiz Henrique de Toledo da UFSCar e aos pareceristas.

the social spaces that comprise it. This work describes and interprets the religious factions of the party celebrating the Saint's kings, as essential elements that together configure a new dynamic of rhythm, musicality, and feelings that pass from the daily life of the folioes (merry-makers) to the party itself, and from the party into their lives. The city of Romaria is the major reference and departure point of the study because it is exactly the place from where many other parties were inspired and organized by other nearby towns. Romaria is also a place that receives very diverse and interesting types of people, who come to participate of the parties that occur here throughout the year, such as Cavalhadas, Congadas, Folia de Reis, and so on. The bureaucratic organizations that institutionalize the party and their relationship with the community and with the church hierarchy are other aspects that are related to Romaria's position as the central and most important catholic city within all of the Triângulo Mineiro region.

KEYWORDS: parties. Rituals. Folia de Reis. Romarias.

As folias de reis praticam uma variedade de rituais que se mantêm ao longo do tempo e estão sendo constantemente reinventados de acordo com as diferentes demandas sociais dos grupos que interagem na festa. É importante destacar que tanto as festas como a composição e a identidade sócio-cultural dos grupos populares que produzem estas festas — historicamente constituídos e reproduzidos nos contextos das sociabilidades rurais — sofreram modificações e acréscimos de novos significados, na medida em que foram incorporados ao processo de urbanização brasileiro e despertaram o interesse de novos sujeitos.

As mudanças de diretrizes que a Igreja Católica começou a imprimir, a partir do Concílio Vaticano II, foram de fundamental importância para o surgimento de diferentes configurações das festas religiosas. Nas últimas décadas, parte do poder público passou a compreendê-las como uma manifestação cultural ou folclórica. Secretarias de Cultura, Educação e Fundações Culturais são

procuradas para participar como parceiros ou também produzem por iniciativa própria esses eventos. Até outros intermediários culturais, como empresários, músicos, produtores culturais, pesquisadores etc., cuja atuação até então restringia-se aos registros dos aspectos rituais da festa para fins acadêmicos ou políticos, tornaram-se parceiros, participantes de rituais ou produtores exclusivos de eventos como encontros de folias de reis nacionais.

Se tomarmos como certo que, desde sempre, na sociedade agrária brasileira, as festas populares estiveram dialogando em vários níveis de intensidade com a Igreja Católica, o poder público e grandes proprietários de terras, sua realização nas cidades, ganhou contornos diferentes em vários aspectos. A presença de outros atores sociais e a adoção de outras práticas nas festas adquire, portanto, grande relevância por vários motivos. Esses agentes — técnicos do poder público, artistas, educadores, produtores culturais, empresários, intelectuais, repórteres, pesquisadores, fotógrafos, músicos, ONGs — identificados nesta pesquisa como “novos intermediários culturais”,¹ têm aderindo a essa rede de socia-

¹ Como comenta Fearthestone, a partir da década de 60 surgiu na Europa, em uma fração da classe média, o interesse em agenciar e oferecer bens e serviços simbólicos provenientes de culturas e tradições populares diferentes dos padrões capitalistas, desempenhando assim um papel importante na transmissão de estilos de vida estético alternativo para um público mais amplo. “A expansão dos novos intermediários culturais, conforme denominou Bourdieu, envolveu a ampliação de um leque de bens culturais legítimos e a ruptura de alguma das antigas hierarquias simbólicas. Os novos formadores de gosto, constantemente à procura de novos bens e experiências culturais, dedicam-se ainda à produção de pedagogias e guias populares de vida e estilo de vida. Eles estimulam uma inflação de bens culturais, recorrem constantemente às tendências, contribuem para buscar inspiração e, ao trabalharem paralelamente a essas tendências, contribuem para criar novas tendências de produção artística e intelectual.” (FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 61). Podemos pensar que, no caso brasileiro, os vários intermediários culturais se identificam em vários pontos com essa tendência que Fearthestone descreveu. Outra característica muito importante de identidade entre esses vários agentes é um discurso voltado para a valorização do conceito de cultura popular, conceito que, por muitos anos, pertenceu com mais veemência ao meio acadêmico e político, e

bilidade, relacionando-se com esses grupos dentro e fora das festas. A inserção desses novos agentes culturais constitui-se como um processo bastante evidente de transformação dos rituais e símbolos das culturas populares, o que tem imprimido diferentes sentidos às festas religiosas. Pode-se observar também que tais mudanças não se restringem às folias de reis, já que quase todas as festas de forte apelo popular vêm passando por novas formas de concepção, organização, promoção e execução.²

Na região do Triângulo Mineiro, as festas de Santos Reis têm se configurado de maneira diferente desde o fim da década de 70, por meio de **encontros**. Com o advento desses encontros, a rede de sociabilidade, o espaço e o tempo ritual das folias de reis ampliaram-se, devido às grandes distâncias percorridas de cidade em cidade, de bairro em bairro e do bairro à fazenda. Os giros das folias acontecem praticamente durante o ano todo, salvo algumas folias que não praticam o giro em época de quaresma. Atualmente, os encontros de folias de reis são realizados em inúmeras cidades, com calendário fixo, facilitando a visita de grupos de outras cidades e formando circuitos de encontros programados.

Outro aspecto muito importante na região do Triângulo Mineiro é a formação das Associações de Folias de Reis. As associações religiosas leigas criadas em inúmeras cidades da região sempre constituíram um aspecto muito presente e importante na vida dos brasileiros. As irmandades, como de N. S. do Rosário e São Benedito, foram organizações que fizeram parte e desempenharam importan-

migrou para vários campos estéticos como: a música, a dança, a educação ambiental, o cinema, a televisão, dentre outros.

² Sobre esse assunto, existem diversos trabalhos na literatura antropológica, valendo destacar os mais recentes; AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. São Paulo: e-Books Brasil, 1998. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os Sentidos do Espetáculo. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 45, n. 1, 2002. MONTES, Maria Lúcia. O Erudito e o que é Popular ou Escolas de Samba: a Estética Negra de um Espetáculo de Massa. *Revista de antropologia – USP*. (32): p. 6-25, Dezembro/Fevereiro 1996/97. BRANDÃO, C. R. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1975.

tes funções religiosas e seculares no Brasil colonial, suas atuações em várias cidades do Triângulo Mineiro ainda são bastante presentes. As associações de folias de reis são manifestações novas, pelo menos no Triângulo Mineiro, onde surgiram a partir da década de 80.

Segundo muitos foliões da região, uma mudança marcante, ocorrida com o advento dos encontros e associações de folias de reis, foi a substituição dos desafios pela saudação das bandeiras. Os desafios eram rituais de disputa entre os capitães de folias para saber quem conhecia mais a profecia dos Santos Reis. Tais desafios travavam-se quando ocorria um encontro de bandeiras, isto é, quando duas folias encontravam-se nas jornadas. As cantorias dos capitães chegavam a durar horas e só acabavam quando um capitão vacilava na improvisação. O perdedor sofria vários tipos de sanções: pagar ao outro capitão com os instrumentos musicais, ou mesmo com a bandeira; parar com a jornada ou até encerrar para sempre as atividades da folia. Dessa forma, para os foliões, as rivalidades dos desafios foram extinguindo-se e, com o advento dos encontros de folias de reis, as relações entre as folias tornaram-se mais amenas. Atualmente, os encontros das bandeiras incitam ao respeito e ao bom relacionamento entre folias diferentes. A disputa deixou de ter o objetivo final de rivalidade para se desenrolar no respeito e admiração entre os ternos.

Esses encontros são confraternizações que, através da Romaria (porque tudo começou lá) e, segundo lugar — pelo que sei foi aqui em Uberlândia, nós fundamos essa Associação. Então tudo começou lá, depois aqui e hoje me parece em todas as cidades do Triângulo Mineiro tem encontro. Então, o intuito nosso, nesses encontros, é formado para trazer a união, um abraçar o outro, sem problema nenhum. A gente já ouvia que antigamente se uma folia tivesse na esquina lá eu tinha que passar longe senão ela podia tomar minha Bandeira e coisa e tal, então nós fizemos os encontros para acabar com isso, estamos acabando com isso graças a Deus.³

³ Entrevista realizada com um capitão de folia, no dia 6/01/2004, na capela dos Santos Reis em Uberlândia.

Mesmo com a inserção de novos sujeitos e das “novas” configurações dos encontros, as festas de reis ainda se dão nos âmbitos familiares, nas vizinhanças e nos comunitários. Além disso, nos encontros de folias, mesmo aqueles produzidos exclusivamente por intermediários culturais ou que possuem palcos, infra-estrutura de *shows pops* e outros elementos que “[...] transformariam essas festas religiosas em espetáculo da indústria cultural ou em comércio” mantêm em seu núcleo ritual, como um dos princípios de troca, relações de reciprocidade⁴ entre: devotos/ santos reis/ folias de reis realizadas para se conseguir algum tipo de graça ou simplesmente por devoção, da mesma maneira como acontece nas pequenas festas em fazendas e nas periferias. Constata-se que vários foliões e devotos utilizam o espaço desses encontros também para cumprir promessas, para confraternizar com parentes e amigos e para conhecer toadas de outras folias utilizando, assim, outras lógicas de sociabilidades. Essas festas servem, atualmente, como um espaço aglutinador de reciprocidade, pois agora vários devotos e foliões, e não só o festeiro — caso mais comum nas festas menores nas roças e nas periferias — cumprem suas promessas e votos.

As grandes dificuldades encontradas na preparação e produção dos rituais da festa geram, pela comoção advinda desse sacrifício, um vínculo social muitas vezes duradouro e emocionante que combina doses de obrigatoriedade e espontaneidade, generosidades e conflitos, interesses e desinteresses, estabelecendo uma relação de troca acompanhada por um ambiente festivo, tenso e trabalhoso que legitima e que, ao mesmo tempo, estabelece um contraste com muitas das trocas impessoais da modernidade.

⁴ Sobre um conhecimento mais detalhado sobre essas relações de reciprocidade ver: BRANDÃO, C.R. *A Folia de Reis em Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. FONTOURA, S.M. & CELLURARE, L.H. CANASSA, F.A. *Em Nome dos Santos Reis: um estudo sobre as folias de reis em Uberaba*. v. 1. Uberaba: Arquivo Público, 1997. BONESSO, Márcio. *Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FAFICH, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

A festa mexe com as emoções das pessoas, relatos de foliões acenam para a grande importância coletiva delas, que são locais propícios para rever pessoas, amigos, compadres e lugares sagrados. Émile Durkheim discute no livro *As formas elementares da vida religiosa*⁵ como as festas religiosas, há muito tempo, possuem a característica de renovar os espíritos fatigados da vida cotidiana dos indivíduos. Elas são, de um modo geral, para todas as sociedades, uma das principais fontes de energia, produzindo nos indivíduos um estado de “efervescência coletiva” e gerando relações extracotidianas que exaltam e excitam seus participantes.

Vimos que se a vida coletiva, quando atinge um certo grau de intensidade, desperta o pensamento religioso, é porque ela determina um estado de efervescência que modifica as condições da atividade psíquica. As energias vitais estão superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes. [...] Uma vez que os indivíduos estão reunidos, emana de sua aproximação uma espécie de eletricidade que os conduzem rapidamente ao grau extraordinário de exaltação.⁶

Em outras palavras, essas cerimônias religiosas constituem espaços onde as relações entre as pessoas adquirem um modo peculiar que, às vezes, diferencia-se das relações do dia-a-dia. Elas servem como uma espécie de combustível para que a sociedade se revitalize, possa superar a rotina. Nesse sentido, um dos grandes objetivos da religião e dos rituais, como as folias de reis, é manter e regular os sentimentos de pertencimento coletivo, fazendo com que seus indivíduos dependam de uma ordem moral superior, salvando-os da desordem e do caos, ou então criando elementos reformistas ou revolucionários para que se rompa com a ordem indesejada.

⁵ DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

⁶ *Ibidem*, p. 52 e 294.

Ao mesmo tempo, algumas performances rituais os diferenciam também individualmente. A importância desses leigos foliões para a reprodução das festas de Santos Reis é tão grande que muitos deles tornam-se verdadeiros sacerdotes da viola, suas vidas ganham a marca da festa, são identificados na rua cotidianamente como o “capitão de folia”, o folião ou o devoto de santos reis, que já recebeu uma “graça” importante. Assim, esses rituais possuem uma expressiva eficácia simbólica de dar sentido à vida das pessoas, consagrá-las e diferenciá-las. “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor que sua existência serve para alguma coisa”.⁷ Portanto, quando uma pessoa faz parte de um ritual, ela se livra da insignificância e, em muitos casos, os participantes são investidos de sentimentos, funções sociais, status, que dão sentido a sua vida tornando-se o que Bourdieu denomina de: porta voz autorizado — agente que detém o poder delegado pelo grupo participante, de nomear as funções de cada um presente e de representar a coletividade. A necessidade do porta voz autorizado é de se apresentar e de ser reconhecido como legítimo. Para isso, deve agir com competência falando em nome da coletividade que está representando. Cada porta voz possui uma “investidura”, um investimento (graduações, cursos, dons divinos, carisma, competências, hereditariedade, etc.) naquilo que é especialista. A coletividade representada julga as nomeações do porta-voz e caso suas decisões não sejam sancionadas ele perderá prestígio e tornará um porta-voz desautorizado. Por outro lado, se a coletividade representada santificar suas nomeações o porta voz continuará sendo legitimado pelo grupo que representa.

É também por meio desses sujeitos sociais que as festas religiosas se reproduzem e penetram na vida cotidiana de inúmeras comunidades do interior mineiro, sejam elas nas zonas rurais, nas pequenas cidades como Romaria, nas periferias de grandes ci-

⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1986. 106 p.

dades como Uberlândia e Uberaba. Portanto, como comenta DaMatta⁸ essa individualidade que marca alguns atores sociais em determinados rituais não é aquele individualismo que vivencia o afastamento do grupo como um movimento marcado pela plena interioridade e subjetividade; esse tipo de individualidade vivencia o coletivo como algo complementar.

Romaria (MG): um centro aglutinador e irradiador de festas

O povoado de Romaria surgiu no final do século XIX, época da crescente ocupação do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Com a descoberta de ouro e diamantes no interior do Mato Grosso, em Goiás e em outros lugares da região — como Rio das Abelhas (atual Araguari) e Bagagem (atual Estrela do Sul), o fluxo de portugueses imbuídos de valores aventureiros provocou uma substancial exploração das riquezas do solo da região. Além disso, a região tornou-se um importante local de passagem de bandeirantes rumo ao Brasil Central.

Em 1867, muitos trabalhadores que residiam em veredas sustentadas por lavras de ouro e diamantes abandonaram as minas ao serem convocados para o serviço militar do exército brasileiro, em guerra com Paraguai. Fugindo dessa situação, o garimpeiro Sebastião Silva, que residia em Bagagem, embrenhou-se no meio do cerrado. Ao descansar nas encostas de um córrego, descobriu cascalho brotado — local propício a diamantes. Cavando o cascalho, Sebastião encontrou os diamantes e rapidamente a notícia se espalhou pela região, atraindo várias pessoas ao local.⁹

⁸ DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. Revista *MANA* (6): p. 7-30. Rio de Janeiro, 2000.

⁹ Essa história se apóia nas principais fontes sobre a história de Romaria e da devoção à N. S. da Abadia. VIEIRA, Padre Primo Maria. *Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja*. Romaria: Academia N. S. da Abadia, 2001. VIEIRA, Monsenhor Primo. *Nossa Senhora d'Abadia: a história de uma devoção*. Romaria: Academia N. S. da Abadia, 2001.

Nos três primeiros anos de exploração, a mineração atingiu o ápice de prosperidade. Logo, o vilarejo começou a se multiplicar. A ânsia pela prosperidade rápida e a exploração rudimentar do solo, características típicas da colonização portuguesa no Brasil, transformaram o manancial de águas límpidas em um córrego barrento, dando origem ao nome do povoado: Água Suja.

Devotos de N. S. da Abadia, os habitantes de Água Suja (e de toda a região) saíam anualmente em romaria até Muquém (GO)¹⁰ (atual distrito de Niquelândia, norte do estado). As dificuldades encontradas nas peregrinações, principalmente a distância e os caminhos inóspitos, fizeram com que o influente morador do povoado, Joaquim Alves Ribeiro mandasse, em 1870, uma delegação ao bispo de Goiás solicitando a autorização para a construção de uma capela. O bispo concedeu autorização, pois Água Suja já era habitada por cinco mil pessoas, um universo considerável de fiéis. Em 1870, uma imagem de N. S. da Abadia feita em Portugal chegou ao povoado.

As romarias, surgidas em 1870, começaram a ter uma expressividade maior a partir de 1900, com a chegada dos padres espanhóis Agostinianos Ricoletos, a quem cabia a gestão das festas à N. S. da Abadia (foi por essa época, também, que se iniciou o processo de decadência das minas diamantíferas). Essas festas traziam para o povoado de Água Suja algo entre trinta mil e quarenta e cinco mil romeiros.¹¹ Outra festa foi criada, em 1915, ainda na gestão desses padres: as cavalhadas de São Benedito.

Além de cuidarem da gestão dessas festas, os padres também realizavam políticas de melhorias públicas, construindo hospedarias, resolvendo problemas de falta de água ou outros pro-

¹⁰ Sobre essa longa peregrinação dos romeiros do Triângulo Mineiro até Muquém (GO), ver o livro: GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

¹¹ Sobre o assunto ver: VIEIRA, Padre Primo Maria. *Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja*. Romaria: Academia N.S. da Abadia, 2001. VIEIRA, Monsenhor Primo. *Nossa Senhora d'Abadia: a história de uma devoção*. Romaria: Academia N. S. da Abadia, 2001.

blemas não-religiosos que afetavam as festas e a comunidade de uma maneira geral. Dessa forma, o poder simbólico exercido pela Igreja Oficial, desde aquela época, tem extrapolado as significações religiosas e abarcado outras esferas da atividade social. Entretanto, o controle exercido por ela, mesmo no que se refere à religiosidade, não é absoluta. Paradoxalmente, para permanecer no controle da gestão das festas, ela teve que assegurar concessões aos símbolos religiosos católicos populares, num esforço por manter a multidão de romeiros dentro do santuário. Os padres Agostinianos Ricoletos, dotados dos ideais da Contra Reforma, chegaram com o objetivo de incorporar às práticas locais as perspectivas mais abrangentes do catolicismo universal de Roma.

Contudo, tiveram também que se adaptar e reinterpretar o conteúdo de suas mensagens ao contexto das pessoas que moravam no povoado e aos romeiros que peregrinavam até o santuário. Afinal, as estratégias usadas pelos sacerdotes europeus de (re)significar a linguagem popular, e da cultura popular utilizar a linguagem católica, foram muito utilizadas no interior brasileiro. Segundo Steil,¹² ao contrário de uma visão substancialista que vê nos santuários a expressão do catolicismo popular tradicional, como um sistema religioso que se contrapõe ao catolicismo clerical, as romarias apontam para uma realidade dialógica onde a tensão é constitutiva do próprio culto. Assim, o santuário de Água Suja tornou-se um dos maiores centros de romarias da região.

Com as minas quase totalmente desativadas, a combinação de atividades da agropecuária, do comércio e de serviços com os eventos religiosos tornou-se permanente em Romaria. Também a partir daí, para muitos moradores que residem próximo à praça do santuário, a atividade econômica central passou a ser voltada para as festas, principalmente a de agosto. Mesmo assim, a festa em louvor a N. S. da Abadia, realizada num curto espaço de tempo (aproximadamente 15 dias), não consegue gerar dividendos que possam suprir todas as necessidades básicas da população, prin-

¹² STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1996.

principalmente dos moradores que possuem residências mais afastadas da praça central. A maneira de complementar seus orçamentos é recorrer aos trabalhos rurais, principalmente a colheita de café e de milho.¹³ Outros trabalhos ligados à pecuária e ao garimpo, em menor grau, também constituem-se como oportunidade de emprego temporário para a população.

Apesar de isso ter ocorrido com maior intensidade nos últimos vinte anos, há muito tempo Romaria é representada muito mais como capital religiosa da região do que como produtora de diamantes ou de gêneros agropecuários. Assim, sua ocupação do sítio urbano como espaço sagrado representou também sua ocupação como espaço econômico. O novo impulso comercial da cidade, voltada para a festa, obrigou a prefeitura e a Igreja a tomarem medidas de gestão mais organizadas. Por exemplo, proibiram a implantação de barracas na praça do santuário, para evitar a desordem. Essa proibição contribuiu para que moradores da cidade instalassem pequenos comércios, prestassem serviços, ou então alugassem seus espaços privados para outros agentes mercantis que aportavam na cidade por ocasião dos eventos.

Por outro lado, os clérigos, como detentores da primazia no campo religioso, tiveram que assumir funções públicas que ultrapassaram as significações religiosas. Padre Eustáquio, o mais notável pároco da história de Romaria, que assumiu a paróquia em 1926, considerado “padre-santo-milagreiro”, por muitos moradores e romeiros, e que atualmente está em processo de beatificação no Vaticano, teve intensa atividade política na cidade. Em-

¹³ A esse respeito, o trabalho de Geovane da Silva e Souza diz que com a colheita do café, as pessoas recebem em torno de vinte reais por dia. Um grande problema para a população é a chegada de mão de obra de outras cidades. Isso faz com que a safra dure pouco tempo, reduzindo o prazo e o preço da colheita e, conseqüentemente, os recursos que circulam na cidade. O trabalho que durava em torno de cinco meses passou a ser feito em dois ou três meses. SILVA E SOUZA, Geovane. *Religião e organização do espaço em um centro de peregrinação: o caso de Romaria (MG)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – DAGEO, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, p. 54.

preendeu, além dos milagres, várias melhorias em escolas, hospital, creche, no jornal; incluiu a participação das crianças nas práticas artísticas; foi o idealizador e organizador da construção do atual santuário. Fica evidente que a Igreja Oficial, historicamente, tem participado também das decisões políticas na cidade, muitas vezes até substituindo os agentes do poder público.

De acordo com o pároco atual, Geraldo Magela, a Igreja Católica, na condição de principal mediadora institucional dos eventos de Romaria, tem seguido uma linha tradicional, do ponto de vista doutrinário. Nesse sentido, ela reconhece a religiosidade popular apenas nos limites de seus próprios preceitos, a fim de preservar o poder da instituição eclesiástica acima de outros interesses. Dessa forma, as práticas que eventualmente extrapolam seus preceitos dominantes e tradicionais acabaram restringidas. Mas houve, na história da Romaria, tal qual em toda a história do catolicismo brasileiro, momentos de variações doutrinárias.

Em entrevista realizada na paróquia de Romaria, no dia 12 de novembro de 1998, o pároco comenta como ocorreram essas variações doutrinárias:

Desde que nós chegamos aqui, que eu cheguei aqui, havia uma mistura assim: a prefeitura ajudava a pagar a missa, ajudava a pagar foguete da festa..., programa eles também ajudavam, então nós resolvemos: o que é de igreja é de igreja e o que é de segurança civil é da prefeitura. A festa aqui, mais que religiosa, 80% é feira. Há tempos atrás houve muita interferência da igreja, naquela época que a igreja era chamada de cristandade. Nesta época tudo girava em torno da igreja e o padre e o bispo é que determinava a polícia; era prefeito; era isso e aquilo, agora que emancipou, eu acho que não é papel da igreja ficar fiscalizando tudo. A gente cuida bem da esfera religiosa, eu acho que o meu papel é isso, receber o pessoal; a gente cuidou da parte física, por exemplo, colocou bebedouros aqui embaixo da escada, dos banheiros dos estacionamento. O que oromeiro traz nós vamos utilizar para trocar o piso da escadaria, colocar iluminação externa da igreja, sempre essa parte de manutenção. Nós retocamos a pintura de cima

feita pela Escola de Belas Artes de São Paulo.

Essas variações doutrinárias podem ser associadas aos documentos elaborados pelo Concílio Vaticano II, reunião do alto clérigo católico mundial iniciada em 1962, e finalizada quatro anos depois. Através desses documentos, a Igreja Católica tomou novas diretrizes doutrinárias, buscando adaptar-se aos valores ditos modernos. Foi daí que ela adotou uma visão mais pluralista do catolicismo e do mundo, respeitando e legitimando as religiosidades populares, incorporando valores da racionalidade científica, da busca do progresso, valorizando a democracia, etc.¹⁴

Nesse sentido, a Igreja estabeleceu um novo modelo de ação, a partir do qual os discursos e os cultos deveriam ser reformulados, tanto em sua dinâmica local quanto na sua relação com o mundo. Em Romaria, essas diretrizes doutrinárias orientaram as práticas de muitos clérigos locais e de fiéis, há muito tempo envolvidos em rituais próprios das culturas populares. Assim, uma nova variação doutrinária surgia em Romaria por volta da década de 70: as diretrizes do Concílio Vaticano II, combinadas com o novo movimento latino americano da Teologia da Libertação. Em todo o Brasil, foram abertos espaços importantes de conscientização dos fiéis refletidos sobre a realidade da pobreza no Brasil, a questão da terra e, principalmente, sobre a experiência politicamente danosa da ditadura militar. Em Romaria, como em todo o país, a politização do discurso religioso foi inevitável, acentuando-se por volta de 1977.

A orientação doutrinária voltada para a valorização das culturas populares foi mais longe na cidade. As Romarias da Terra — encontros compostos por militantes da Teologia da Libertação de todo o Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba, dioceses, paróquias, comunidades eclesiais de base (CEB's), entidades sindicais e movimentos populares — também foram organizados e permaneceram na cidade até 1984. A partir de 1985, foram realizados tam-

¹⁴ Sobre o assunto ver: PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo *A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

bém em outras cidades, voltando para Romaria em 1987, último ano do evento.

A organização e os sentidos dos rituais da Romaria da Terra fazem com que ela se diferencie da romaria realizada em agosto. Segundo Micheloto¹⁵

[...] enquanto o romeiro tradicional flagela seu corpo, andando dezenas ou mesmo centenas de quilômetros, como parte de sua promessa, o romeiro da terra cumpre mais um ritual sem sacrifícios corporais, com poucas conseqüências do ponto de vista físico-corporal.

Transcendendo o aspecto meramente religioso e festivo, as Romarias da Terra eram vistas por seus praticantes e organizadores como um espaço de libertação, tanto política quanto religiosa.¹⁶ Prova disso é o relato de alguns moradores sobre o Padre Estanislau de Melo Ferraz — o padre Lalau — principal idealizador das Romarias da Terra, que, tendo permanecido na cidade até fevereiro de 1980, viveu ali uma história tensa, chegando até a ser preso junto com alguns companheiros “comunistas”, segundo alguns moradores. Com sua saída, deu-se o esvaziamento da Teologia da Libertação em Romaria.¹⁷ Tudo isso na mesma época em

¹⁵ MICHELOTO, Antônio Ricardo. *Catolicismo e libertação dos setores subalternos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.

¹⁶ Segundo Micheloto, no momento em que começa a romaria, se definem quem são os amigos (a Igreja, através de seus bispos e padres progressistas e dos agentes da pastoral, os sindicatos e movimentos ‘combativos’), os inimigos (os latifundiários, a união democrática ruralista, os sindicatos pelegos, o governo) e os oprimidos (os trabalhadores sem-terra, os bóias frias explorados, as mulheres pobres do campo e da cidade, os negros). MICHELOTO, Antônio Ricardo. *Catolicismo e libertação dos setores subalternos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.

¹⁷ Segundo Prandi, três fatores foram decisivos nesse processo de esvaziamento da Teologia da Libertação no Brasil: 1) a política de restauração conservadora, promovida pelo alto controle institucional da Igreja, centralizado na autoridade

que as Romarias da Terra, as CEB's e demais movimentos do catolicismo militante enfraqueceram-se em toda América Latina. Segundo relatos, por essas razões, Padre Lalau teria desligado-se da Igreja Oficial.

Nesta época, padre Lalau, incentivado pelos novos valores doutrinários da Igreja Oficial, também organizou encontros de foliás de reis, congados, catupés, moçambique e marujos. A aceitação dos encontros por parte das camadas populares de inúmeras cidades da região foi tamanha que o primeiro encontro foi realizado com a participação de diversos grupos e em eventos posteriores o número aumentou significativamente. Com isso, os encontros posteriores foram divididos em dois eventos: o primeiro, no segundo domingo de janeiro, passou a ser exclusivamente das foliás de reis; o segundo, realizado no último domingo de maio, previa a participação dos ternos de congados, catupés, moçambiques e marujos. Segundo o pároco Geraldo Magela:

Um dos pontos que foram olhados lá no Concílio Vaticano II é que a Igreja deve ajudar e respeitar as culturas e também deve respeitar a religiosidade popular. Ora, a folia de reis, o congado, são elementos da religiosidade popular, então como religiosidade popular, um padre que foi meu colega, então em 1978, parece, não sei bem exato se foi 77, 78, ele promoveu um encontro, uma espécie de romaria, de congado e folia, ao mesmo tempo.¹⁸

do papa, e que consiste, basicamente, em nomeação de bispos não-progressistas, intervenção na nomeação de presbíteros, "reparoquialização" (divisão das paróquias para efeito de maior controle) e, principalmente, desautorização da Teologia da Libertação, que é o referencial ideológico da pastoral popular; 2) o refluxo dos movimentos sociais, em geral agravado com a crise da utopia política provocada pelo esboroamento do socialismo no leste europeu, crise teórica de esquerda e ausência de alternativa para a mudança social; 3) uma certa crise do catolicismo devido à forte concorrência com outras opções religiosas, sobretudo o evangelismo pentecostal, que vem provocando grande evasão de fiéis, principalmente nas camadas mais pobres e marginalizadas. PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 72 e 73.

¹⁸ Entrevista realizada em Romaria no dia 12 de novembro de 1998.

Em face do crescimento desses eventos religiosos em Romaria, a partir da década de 80, a Igreja e a prefeitura passaram a contratar novos funcionários na época das festas. A gestão centralizada da Igreja tornou-se mais empresarial: instituiu uma agenda anual de rituais, impôs uma disciplina mais rígida de ocupação dos espaços da cidade e do santuário por cada sujeito social, disciplinou a posição e a ritualização dos romeiros, criou a Academia Nossa Senhora da Abadia — editora de publicação de livros que cuidam da história da devoção e de um site próprio do santuário — bem como promoveu a melhoria dos serviços de atendimentos aos fiéis, incluindo a construção de pavilhões de assistência à alimentação e banheiros. Ao mesmo tempo, o santuário foi recebendo melhorias para adequar-se à presença de multidões, incluindo palco exterior, equipamentos sonoros de shows massivos, infra-estrutura para um museu e outros recursos.

A prefeitura, como responsável direta pela infra-estrutura da cidade, em 1995 teve uma idéia que gerou muita discussão e controvérsias em toda a região: cobrou pedágio de todos os veículos que entravam na cidade. Quem chegava no trevo recebia um adesivo para poder entrar novamente na cidade sem precisar pagar a taxa pela segunda vez, caso fosse embora e quisesse retornar (prática muito comum na época de festa).¹⁹

Em entrevista realizada pelo jornal Meio Dia, da TV Integração, afiliada da Rede Globo, em 08 de Agosto de 1995, o prefeito da cidade fez uma declaração a respeito:

Nós instituímos a cobrança do pedágio às portas da cidade de Cr\$5,00 por carro, mais a título de colaboração do fiel de N.S. da Abadia que, ao adquirir o selo, contribuirá com os gastos que a prefeitura tem para criar a infra-estrutura para os romeiros: alojamentos, sanitários públicos, segurança, água potável. Porque es-

¹⁹ Conforme a entrevista transcrita por Aninha Duarte (2003). DUARTE, A. H. S. D. *Ex-votos e Poesis: olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em História) – INHIS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

sas despesas não podem sair dos cofres públicos e a cidade antes alugava os espaços das calçadas para os comerciantes. Eu só estou usando uma lei que é de 1979, o meu interesse é dar conforto e não explorar e lucrar com a festa, porque ela é que dá o nome e contribuiu para a cidade ser conhecida.²⁰

Nessas condições, os eventos ganharam maior visibilidade na região e em regiões próximas por meio dos canais de televisão, das rádios, dos jornais e revistas que passaram a comparecer regularmente nas festas — entrevistando festeiros, romeiros, pessoas da organização e artistas populares presentes. Nos últimos anos, os jornais regionais (impressos e televisivos) têm exibido matérias em todos os dias da festa, a partir da cidade e das estradas de acesso ao santuário.

Em 1999, o cantor Alexandre Pires, na época líder do grupo de pagode uberlandense Só Pra Contrariar, cantou na missa de coroação à Nossa Senhora da Abadia. As mulheres da platéia começaram a gritar emocionadas quando o cantor apareceu no palanque do santuário. Um forte esquema de segurança foi montado para ele que, durante a época, foi destaque nacional na grande mídia brasileira liderando o grupo uberlandense.

O número de pesquisas acadêmicas e de produtores culturais interessados na religiosidade da cidade também cresceu bastante. A partir da década de 90, muitos documentários, teses de graduação e pós-graduação foram realizados, não só com base na romaria de agosto, mas também nos encontros de folias de reis e nas congadas. O ano de 2002 evidencia a importância desses agentes nas festas populares. Um exemplo disso é o episódio acontecido nesse ano envolvendo um grupo de pesquisadores e um canal de televisão, ambos interessados em documentar a figura emblemática de “Seu Charqueada”, um romeiro/congadeiro com

²⁰ MARRA, Fabíola Benfica. *Práticas do catolicismo popular em Romaria*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – FAFCS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

mais de 100 anos que peregrina todos os anos de Uberlândia à Romaria em uma bicicleta sem marchas do modelo “barra forte”.

Nessa ocasião, um dos organizadores do documentário peregrinou com ele de bicicleta até o santuário em Romaria, onde duas apresentadoras de um jornal local faziam tomadas ao vivo. Quando elas avistaram “Seu Charqueada”, figura muito conhecida e admirada em toda região, resolveram fazer uma reportagem com ele. Para isso, solicitaram ao ancião que andasse com a bicicleta pela praça do santuário para a captação de imagens que simulassem a sua chegada da peregrinação, apesar de ele ter chegado a algum tempo na cidade. A praça estava tomada pela multidão, pois era o fim de semana que antecedia o dia 15 de agosto, dia da santa padroeira. As quatro filas simultâneas para se chegar à imagem de N. S. da Abadia rodeavam o quarteirão da praça. Com toda essa movimentação de romeiros, as repórteres pediram aos seguranças do santuário que cortassem a fila, para que as câmeras filmassem “Seu Charqueada” aos pés da imagem de N. S. da Abadia. No momento da autorização, a equipe de pesquisadores, também interessados em registrar “Seu Charqueada” quiseram cortar a fila, mas foi barrada pelos seguranças. Esbravejando contra essa situação, uma coordenadora do documentário conseguiu autorização para que duas pessoas acompanhassem “Seu Charqueada” até a imagem da santa. Houve ali uma literal disputa simbólica pelo “objeto de pesquisa” ou de “reportagem”, culminada com uma pequena troca de insultos entre as repórteres e pesquisadores.

Em 2004, um fato polêmico relacionado à festa chamou a atenção de toda a região do Triângulo Mineiro: a interdição da BR-365 por um juiz de Uberlândia. O principal motivo da medida, segundo o juiz, foi a falta de segurança dos romeiros na estrada. A rodovia que liga São Paulo e o Triângulo ao norte de Minas Gerais têm um trânsito intenso de caminhões e estava repleta de buracos, obrigando os motoristas a transitar pelo acostamento, local da peregrinação. Nos primeiros dias, houve uma grande revolta de motoristas desavisados que tiveram que desviar seus caminhos e percorrer centenas de quilômetros a mais para chegar aos seus destinos. Se por um lado essa medida do poder público de Uberlândia

garantiu maior segurança aos romeiros, por outro causou vários transtornos para os caminhoneiros e demais viajantes, que não foram devidamente avisados.

Em 2005, houve nova interdição da estrada que, um mês antes da festa, estava toda “esburacada” e intransitável. Novas polêmicas e tensões ocorreram entre Ministério Público e DNIT, motoristas desavisados, romeiros, Polícia Rodoviária Federal, moradores das mediações, donos de postos de gasolina e carros de assistência aos romeiros. No dia 19 de julho, por meio de fotos que comprovavam as péssimas condições da rodovia, o procurador do Ministério Público, Leonardo Melo, pediu a interdição do trecho entre Uberlândia e Romaria, a partir do dia 1º de agosto, época em que, segundo o procurador, começam as romarias. No dia 26 de julho, a juíza Lana Galati determinou que a medida do procurador fosse cumprida. Com isso, a DNIT começou a buscar medidas rápidas e paliativas de “tapa buracos” para deixar o trecho em bom estado de conservação para antes da festa. No dia 2 de agosto, a capa do jornal Correio de Uberlândia deu a seguinte notícia: “DNIT tapa os buracos mas interdição continua — obrigados a dar voltam, motoristas reclamam da medida”. No decorrer do resumo da notícia, o jornal diz que, na avaliação da Polícia Rodoviária Federal, a interdição não se justifica mais. Ao mesmo tempo, na reportagem principal escrita no caderno Cidade, o subtítulo foi: “Romeiros se dizem mais seguros para a peregrinação”. Nessa reportagem, observa-se nos depoimentos dos romeiros o perigo de se transitar ao lado de um alto fluxo de caminhões e automóveis, visto que alguns motoristas não respeitam a peregrinação, transitando em alta velocidade e fazendo ultrapassagens que colocam em risco a vida dos romeiros. Essas controvérsias sobre a liberação ou interdição da estrada, só deixaram de aparecer nos meios de comunicação após a liberação da estrada no dia 10 de agosto.

Esse assunto também levou para a imprensa outro tema importante: a construção de uma trilha paralela entre Uberlândia e Romaria, própria para a peregrinação. No dia 26 de julho de 2005, o idealizador da trilha, Edson Soares, realizou na Oficina Cultural

de Uberlândia um painel: *A peregrinação em Romaria*.²¹ Há alguns anos ele realiza um abaixo-assinado entre os romeiros e a população uberlandense como uma forma de apoio para a construção dessa trilha paralela. Ele entregou no dia das apresentações esse abaixo assinado para um representante do prefeito de Uberlândia que esteve no evento. Edson já fez algumas vezes o caminho de Santiago de Compostela, sendo o atual presidente da Associação dos Amigos de Santiago de Compostela da região. Como peregrino, ele acredita que a romaria ficaria melhor se saísse da BR-365 — que, como já dissemos, tem um altíssimo fluxo de caminhões e de buracos — e fosse para espaços ou trilhas mais naturais.

No ano de 2005, Edson Soares começou uma parceria com a empresa de turismo Uberlândia Convention Visitors Bureau, que nas palavras da superintendente Marise Carrijo, tem como principal objetivo o turismo de negócio, além do turismo de entreterimento e religioso. Sobre o turismo religioso, a empresa busca focar seus negócios na peregrinação de Romaria e no médico espírita Doutor Rans, muito conhecido em todo o Brasil por realizar curas através de cirurgias espirituais. A turismóloga definiu três categorias de romeiro: o peregrino que busca a fé interior, o peregrino religioso que soma tempo e dinheiro e o esotérico. O objetivo do Center Conventions Bureau é dar sustentação à peregrinação para essa segunda categoria de romeiros que, segundo a profissional, são pessoas oriundas de cidades distantes como Brasília e São Paulo. Para Marise, muitas pessoas de longe hospedam-se em Uberlândia e fazem o caminho para Romaria. Além disso, a empresa

²¹ Foram convidados profissionais de diversas áreas: o antropólogo e professor da UFU Paulo Roberto Albiery Nery, a psicóloga Rossana Debs Hemmer, a turismóloga e Superintendente do Uberlândia Convention Visitors Bureau, Marise Carrijo, o padre Olimar Rodrigues, a coordenadora do grupo voluntários de apoio aos romeiros de N. S. da Abadia, o geógrafo Geovane da Silva e Sousa que fez o livro *Conhecendo Romaria*, a artista plástica e historiadora Aninha Duarte que fez seu mestrado sobre a sala de promessas de Romaria e os ex-votos.

também terá o objetivo de divulgar internacionalmente essa romaria, trazendo turistas de todo o mundo para a cidade idealizando assim uma romaria internacional parecida com a de Santiago de Compostela.

Outra polêmica que surgiu mais especificamente em Uberlândia foi a postura do vereador evangélico Carlito Cordeiro, que questionou o feriado do dia 15 de agosto, dia de N. S. da Abadia, na cidade. O vereador, que já havia criado uma polêmica ao instituir e aprovar um projeto de lei, também aprovado por todos os vereadores num primeiro momento, em que colocava na bandeira de Uberlândia os dizeres: “Deus está Aqui” gerando uma controvérsia entre juízes, população, vereadores (todos voltaram atrás) e sendo bastante criticado por todos esses agentes, criou uma nova polêmica no meio católico ao se pronunciar contra o feriado religioso, querendo que esse fosse extinto. Para o vereador, se não se pode colocar na bandeira laica dizeres religiosos, então não pode haver feriados religiosos católicos pelos mesmos motivos.

Todos esses fatos públicos contribuem para a repercussão do ciclo de festas do santuário de N. S. da Abadia da Água Suja, fazendo com que elas assumissem dimensões grandiosas, se tornassem uma das principais bases econômicas da cidade, um centro aglutinador de diversos sujeitos e irradiador de produção dos encontros de folias de reis e de congados para toda a região.

Os encontros de folias de reis em Romaria (MG)

Enquanto nas romarias à N. S. da Abadia a Igreja Católica assume um papel centralizador por ser a grandiosa festa da cidade de Romaria, nos encontros de folia de reis algumas funções da produção da festa são descentralizadas. Durante o encontro, ocorre uma reunião entre o padre da Igreja local e os capitães dos grupos participantes. Nela são resolvidas questões sobre a produção da festa do próximo ano, além de serem escolhidos os festeiros e o casal rei e rainha.

É claro que, em última instância, a Igreja faz o papel da grande festeira do encontro, pois fornece a infra-estrutura básica para

os rituais: prepara o espaço do santuário, o palanque para a apresentação dos grupos, oferece a aparelhagem de som, o pavilhão do almoço com toda a infra-estrutura da cozinha, os enfeites da festa e algum alimento que porventura falte. Ao contrário das romarias, nos encontros de folias de reis não há necessidade de contratação de serviços de terceiros, uma vez que o ônus da produção da festa é compartilhado, incidindo quase sempre sobre ajudantes e voluntários arregimentados pelos festeiros e padre.

A grande maioria dos foliões que participa dos encontros de folias de reis em toda a região defende a idéia de que o encontro de Romaria é o maior e o mais antigo do Triângulo Mineiro, e que ele influenciou diretamente a criação da maioria dos outros encontros em cidades vizinhas e distantes. Nos últimos anos, o número de pessoas e de folias presentes nos encontros em Romaria cresceu significativamente. Estima-se a presença de um contingente superior a quinze mil pessoas por encontro. O quadro a seguir apresenta o número de companhias presentes em alguns anos.

Ano	N.º de Folias
1978	40 folias de reis
2000	53 folias de reis
2002	56 folias de reis
2003	69 folias de reis
2004	73 folias de reis
2005	53 folias de reis

Fonte: Cartazes das festas

Apesar de no ano de 2005 ter diminuído²² o número de folias, o número de pessoas presentes na festa foi igual ou maior ao ano

²² Uma hipótese para a diminuição das folias nesse ano pode ser construída por causa de dois problemas: 1) as transições dos políticos nas administrações municipais, visto que muitos prefeitos ajudam no transporte das folias de reis; 2) a péssima condição da BR 365, que liga Romaria a cidades importantes para o evento.

de 2004. Isto é comprovado pelo sensível aumento tanto do número de barracas quanto da circulação de pessoas. A propósito, o espaço ritual da festa compreende a praça central do santuário e algumas ruas próximas onde se localizam as barracas comerciais, os bares e os estacionamentos, enquanto na romaria de agosto o espaço ritual da festa é, sem exagero, toda a cidade e as periferias não-habitadas (ocupadas por pedintes ou para estacionamento).

O papel dos festeiros no encontro é diferente daquele desempenhado pelos “festeiros caseiros”. Enquanto esses organizam festas em casas, aqueles organizam o almoço, arrecadam alimentos, recebem os foliões e resolvem pequenos problemas que aparecem durante o encontro. Para ser festeiro é necessário inscrever-se em mesas que estão situadas nos cantos da praça do santuário. No cronograma da festa o padre pede a eles que doem o que ganham em três dias de trabalho para que a Paróquia de Romaria possa organizar o encontro. Tais festeiros são de grupos sociais bastante diversos entre si e são oriundos de várias cidades da região. Entre eles, incluem-se fazendeiros, comerciantes e pessoas de classes populares. Assim, permite-se que leigos tenham uma penetração relevante no campo religioso, configurando-se uma reciprocidade política movida por sentidos religiosos.

O quadro a seguir nos mostra o número de festeiros em alguns anos.

Ano	N.º de festeiros
1987	86
1996	226
2000	214
2002	239
2003	262
2004	303
2005	303
2006	328

Fonte: Cartazes das festas

Um grupo fixo de mais ou menos quinze moradoras de Roma-

ria também contribui, organizando o grande almoço público. Eles contam com a ajuda episódica de várias outras pessoas, principalmente moradores da cidade. Para isso, começam a preparar os alimentos com quatro ou cinco dias de antecedência. Na rua do lado direito da praça central está o grande cômodo da igreja, onde é preparada e servida a refeição, fornecida gratuitamente para qualquer pessoa que queira comer (de acordo com o pároco, esse espaço futuramente abrigará um museu). Toda a infra-estrutura da cozinha, como os materiais de limpeza, os grandes tachos utilizados na preparação dos alimentos, os recipientes e os demais objetos são custeados pela Paróquia.

Nos últimos encontros, por volta das nove horas da manhã, a fila para o almoço normalmente já tinha alcançado a esquina da praça; por volta das onze horas, quando a refeição começa a ser servida, ela já estava dobrando o quarteirão. Mais duas filas especiais são feitas, uma para os foliões e outra para os idosos. Servem-se saladas, macarrão, carnes, arroz, feijão, milho e outros alimentos. O almoço termina por volta das dezesseis horas.

No dia do encontro, as cerimônias religiosas começam às cinco horas da manhã. Em contraste com as cores da alvorada, foguetes explodem no céu de Romaria, acordando praticamente toda a população para a festa. Antes das apresentações das companhias, os auto falantes do santuário e o som profissional armado no palanque da praça executam músicas. Nesse horário, os foliões começam a chegar, principalmente de ônibus, vans e, em menor número, automóveis e caminhões. Algumas folias de outros estados, como Goiás e São Paulo, percorrem até 700 km para chegar em Romaria, formando um circuito de encontro interestadual.

Os rituais das cantorias das folias de reis em Romaria são divididos em três momentos: 1) concentração/passagem nos arcos; 2) apresentação no palanque; 3) visita à igreja. Todo o espaço da apresentação é concentrado na praça central da cidade.

A concentração ocorre na rua do lado esquerdo do santuário, perto da casa Paroquial e da editora N. S. da Abadia. São montados três arcos no meio da rua, feitos de bambus, folhas e fitas de papel crepom coloridas, demarcando e diferenciando o espaço

sagrado que será percorrido pelas folias. O primeiro arco possui uma chave, o segundo arco possui uma aliança e o terceiro arco possui a estrela guia. Muitos foliões ajoelham-se ao passar pelos arcos, atribuindo diversos significados, tanto para eles quanto para os objetos que nele estão pendurados.

Antes de começar a cantoria, a concentração serve como um espaço de sociabilidade para os foliões que, cantando e tocando modas de viola, reencontram-se com velhos amigos. Lá eles também fazem os últimos preparativos para a apresentação no palanque, como afinar os instrumentos e posicionar corretamente os foliões. Neste trajeto, não há um limite de tempo definido pela organização do evento para a cantoria das folias de reis. Muitas pessoas preferem assistir às apresentações nesse espaço, sentadas nos bares ou nos bancos da praça. Em certos horários, a arborização da praça contribui um pouco para amenizar o sol que castiga as pessoas presentes. Como a festa é realizada no segundo domingo de janeiro, muitas vezes chove, e os foliões, principalmente os sanfoneiros, que não podem deixar o fole da sanfona molhar, necessitam da ajuda de um companheiro com guarda-chuva para protegê-los da água.

A passagem nos arcos tem significações diferentes de folia para folia, de folião para folião e até para os devotos acompanhantes das folias. Muitas vezes, esse processo ritual é extremamente importante para a vida das pessoas que estão cumprindo o voto. Buscando compreender a dinâmica das relações sociais em espaços rituais especiais na sociedade africana ndembo o antropólogo Victor Turner²³ oferece um modelo teórico interessante para

²³ Influenciado pela escola britânica de Readcliff Brown, o antropólogo desenvolve o conceito de estrutura e antiestrutura social. A estrutura social consiste na posição social ou status que o indivíduo possui no seio da sociedade. Essa posição pode ser alterada por situações antiestruturais que propiciam aos indivíduos mudanças. Portanto, é importante perceber que, mesmo sendo um estruturalista, Turner de certa forma busca inovar apontando que algumas estruturas sociais são passíveis a processos de mudanças pelos indivíduos, quando entram em determinados rituais. TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

compreendermos alguns aspectos do processo ritual das folias de reis nos encontros.

Conforme as teorias dos rituais de passagem de Van Gennep, os rituais possuem três características: 1) separação; 2) margem (limiar); 3) agregação. Na primeira fase, o indivíduo ou o grupo quebram a normalidade da vida cotidiana separando-se de sua posição social anterior e/ou de um conjunto de condições culturais existentes em suas vidas.

No caso dos foliões, a margem pode ser relacionada a aspectos negativos como: doenças em ambientes familiares, desemprego, falta de dinheiro e desentendimentos familiares. Ou a aspectos positivos, como agradecimentos por motivos cotidianos, relações afetivas com a santa, espaço propício para meditação ou divertimento coletivo. Nessa segunda fase, as características dos sujeitos no ritual são ambíguas, ele não está nem na sua posição anterior nem na sua nova posição social. Assim, escapa das redes de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições na estrutura social. Nessa fase, o sujeito (que pode ser um grupo também) está no meio da passagem, sendo reduzido até ser modelado novamente e dotado de outros poderes para se capacitar a enfrentar uma nova situação e status de vida. Turner se deteve-se à segunda das etapas para compreender a dinâmica dos processos sociais. A margem diz respeito aos momentos da antiestrutura nas quais se instaura essa quebra as hierarquias comuns e cotidianas.

Podemos pensar que, em muitos casos, para alguns devotos e folias a passagem nos arcos até chegar aos pés de N. S. da Abadia dentro do santuário é um momento antiestrutural. A relação de troca mágica entre devoto, folia de reis, santos reis, que também envolve um local especial — a cidade sagrada de Romaria — N. S. da Abadia e todo um espaço ritual sagrado previamente delimitado para se realizar o processo ritual (trajeto dos três arcos), produz um contexto sagrado para que devotos à margem da sociedade interpretem dramas sociais que possam recolocá-los de volta na estrutura social.

Esses dramas sociais interpretados ritualmente, algumas ve-

zes devido às aflições mundanas, algumas vezes devido a aspectos positivos da vida social, configuram-se em momentos extraordinários, possibilitando aos agentes sociais se distanciarem e lançarem um olhar mais crítico para a realidade imergindo em uma aventura dramática que pode gerar até uma ruptura ou inversão da ordem estabelecida quando retornarem para a estrutura social.

A reprodução nos arcos, por meio da cantoria da folia, a viagem dos Reis Magos para conhecer o menino Jesus, culminando na visita à imagem de N. S. da Abadia, é um percurso onde alguns foliões e devotos sobem as longas escadarias do santuário de joelhos para “pagar” algum voto, muitas pessoas choram diante da imagem, os foliões tocam-na ajoelhados, as pessoas doam dinheiro, ou depositam os ex-votos (objetos que simbolizam pernas, braços, cabeças, partes do corpo que tiveram algum tipo de enfermidade e que a cura foi atribuída a um milagre operado pelo Santos Reis ou N. S. da Abadia) em gratidão às graças alcançadas. Curas impressionantes são comentadas, além de outras graças alcançadas como emprego para filhos e marido, ou simplesmente aprender a tocar viola, reordenando assim a vida cotidiana desses indivíduos e grupos sociais. Dessa maneira, as trocas mágicas que culminam nesse processo ritual possuem uma eficácia simbólica gerando uma grande demanda para as folias de reis. Não é à toa que o tempo e o espaço ritual das folias se ampliaram, muitas fazem o “giro” praticamente o ano todo, atendendo essas demandas mágicas e fazendo a mediação entre Santos Reis e devotos.

Nesse retorno para o tempo cotidiano, é interessante notar como muitas investidas dos tempos de festas são acrescentadas nas hierarquias cotidianas, transformando trabalhadores simples em: o capitão João Clemente, o folião Joaquim, o rei Gaspar e a rainha Maria ou devotos especiais (aqueles que possuem uma relação mais íntima com a santa) em importantes sujeitos para a comunidade em que vivem, sendo capazes de melhorar as aflições mundanas de parentes, amigos e até mesmo de pessoas desconhecidas.

O papel dos palhaços também é muito interessante na passa-

gem dos arcos em Romaria e na hierarquia da folia de maneira geral. Por exemplo, todo ano a folia de Monte Carmelo, que possui dois palhaços (Gaspar e Gasparina), encanta o público presente no encontro fazendo várias brincadeiras no trajeto dos arcos. Em 2005, os dois palhaços dançavam e pediam dinheiro para o público e, com um chicote cada um, amarravam algumas pessoas. A primeira “vítima” foi um menino que, tendo sido amarrado, foi obrigado a rolar no chão abraçado aos palhaços. Logo depois, seu Cláudio — palhaço de Uberlândia — foi cumprimentá-los, sem a máscara. Para isso, ele se ajoelhou e, com as mãos cruzadas, apertou as mãos dos dois palhaços, também ajoelhados. Grande foi o delírio do público quando os dois palhaços de Monte Carmelo levaram ao chão, com um gesto inesperado, o palhaço de Uberlândia.²⁴

O palhaço, um personagem da rua, possui uma representação ambígua com o mundo, fazendo crianças sorrirem e chorarem, roubando alimentos, mas ao mesmo tempo arrecadando donativos para as festas em louvor a Santos Reis. Ele também possui uma representação ambígua do mundo bíblico: para alguns era um soldado do Rei Herodes que queria matar o menino Jesus. Para outros, escondeu o menino Jesus debaixo da saia, quando Maria e José fugiam da perseguição dos soldados de Herodes. Sua presença ritual comprova, em alguns casos, a hierarquia rígida da folia de reis e a possibilidade da mudança no sentido de bagunça, pois são personagens marginalizados, sem uma posição social muito definida, e de atos muitas vezes surpreendentes.

Depois de percorrido os três arcos, os foliões aguardam mais algum tempo (algumas horas às vezes) debaixo de um sol quente

²⁴ Depois de realizado o ritual dos arcos, fui entrevistar os palhaços. Perguntei a eles se as crianças têm medo ou gostam dos palhaços. Edvaldo — a Gasparina — me respondeu o seguinte: “Antigamente, as crianças tinham muito medo porque eles batiam, mas nós não usamos bater. Nós adoramos as crianças, elas são muito bem vindas para nós”. Então, perguntei sobre a criança que eles amarraram. E ele me respondeu “[...] que é só pra mostrar pro povo que a gente amarra e bate, mas a gente só faz de brincadeira”.

ou de chuva, para se apresentar no palanque fixo que fica na frente do santuário. Cada companhia tem de três a quatro minutos para cantar, postada em volta da lapinha construída em cima do palanque. Ali, os foliões entoam seus versos de “adorações” ao menino Jesus. Percebe-se, desde 1999, que o som montado no palanque altera, muitas vezes, a intensidade sonora e a harmonia das músicas. Principalmente pela escassez de microfones, vários instrumentos não aparecem, ou aparecem com volume inadequado (muito baixo ou muito alto, conforme a distância entre o microfone e o instrumento). As cantorias também são prejudicadas. Não existem microfones para todas as respostas entoadas pelos cantadores e para os instrumentos que possuem sonoridade mais baixa que os instrumentos percussivos e as sanfonas (principalmente os cavaquinhos, as violas e os violões). Também as últimas respostas (os “gritos”) são prejudicadas pela precariedade da captação do som, e soam muito estridentes quando os microfones são direcionados diretamente para elas.

Percebe-se, entretanto, uma gradativa melhora no sentido de sanar esses problemas, já que, nos últimos anos, a organização do evento tem alugado mais microfones. Entretanto, apesar dos problemas técnicos, todos sabem o que está se passando, as ladainhas que estão sendo cantadas. Logo, essa falta de estrutura técnica não prejudica nem inviabiliza a apresentação. Há um sistema prescritivo da festa que confere a ela sua inteligibilidade, mesmo que tenha crescido tanto, aumentando o número de participantes, incorporando outros elementos a sua estrutura cosmológica e a prescrição das performances rituais que garantem sua experiência como linguagem da religiosidade popular.

Um outro problema freqüente, do qual muitos foliões reclamam, é o do tempo de apresentação, estipulado — segundo essas reclamações — de maneira arbitrária pelo mestre de cerimônias, privilegiando os grupos amigos. Por causa disso, alguns conflitos se deram entre os organizadores desse ritual e foliões. Curiosamente, o seu Dito, funcionário da prefeitura e mestre de cerimônias há vários anos no palanque, aparenta ser uma pessoa muito calma. Algumas folias de Uberlândia, que paticiparam desde

o primeiro encontro da cidade, não estão indo mais à festa em função desses problemas.

À tarde é feita a missa aos Três Reis Magos, dentro do santuário e com a presença das companhias. Antes da missa, é feita uma reunião entre o padre, os festeiros e os capitães, para deliberarem sobre a organização da festa do ano seguinte e decidirem quem será o rei e rainha da festa. Nessas reuniões, o pároco da cidade, como mediador, pergunta para cada capitão presente sobre suas impressões da festa. Em seguida, se ninguém desejar organizar a festa do ano seguinte, ocorre um sorteio, do qual não participa a cidade que organizou a festa daquele ano.

Outro lugar muito visitado pelas pessoas que freqüentam a festa é a sala dos ex-votos (ou sala das promessas), que fica aberta o dia inteiro para visitas — local onde as pessoas podem apreciar objetos associados aos milagres operados por N. S. da Abadia. Os objetos possuem uma lógica ordenada pelos funcionários da Igreja, que os retiram de um baú colocado junto à imagem, dentro do santuário. Esses objetos comuns transformam-se em símbolos religiosos que representam o recebimento de graças operadas pela santa.

É nesse contexto ritual que a pequena cidade de Romaria influenciou diversas cidades e diversos sujeitos a produzir “encontros de folias de reis”. A pesquisa fez um registro etnográfico desses encontros nas cidades de Uberlândia, Araguari, Araxá, Patrocínio, Campos Altos, Coromandel, Uberaba, Indianópolis e Brasília (DF).²⁵ Em quase todos os encontros nessas cidades, os idealizadores afirmaram que sua criação foi influenciada pelo encontro de Romaria, que se tornou, além de uma cidade sagrada que atrairomeiros, foliões e congadeiros, um local de referência religiosa para outras cidades do Triângulo Mineiro.

²⁵ Devido ao limite de páginas, as etnografias apresentadas aqui são apenas a de Romaria e Uberlândia, sobre as outras cidades ver: BONESSO, Márcio. *Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FAFICH, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

Uberlândia: o mito da predestinação moderna e as associações leigas

A cidade de Uberlândia sempre foi vista como uma cidade empreendedora, moderna e do progresso. Diferentemente de outros lugares de Minas Gerais, a posse de suas terras aconteceu com interesses agropastoris em um momento histórico de crise dos setores de mineração do estado. A cidade teve uma expansão econômica ligada inicialmente ao cultivo de café que se implantava no Rio de Janeiro e em São Paulo. Dessa maneira, seus pioneiros vinham com um objetivo definido de ocupar e se fixar na região. As condições fundamentais para a emergência de um povoado já estavam criadas desde 1857, quando o arraial foi elevado à categoria de Paróquia. Uberlândia foi fundada como município em 1888. Traços da história do seu fundador oficial João Pereira Rocha esclarecem aspectos marcantes da história atual da cidade, dentre eles o mito da predestinação como metrópole.²⁶ Um aspecto que contribuiu muito para o desenvolvimento desse mito foi o discurso elaborado pela elite da cidade.

O poder dessas representações está, ainda, por ser avaliada em toda sua extensão, porque elas não se limitam às matérias de cunho historiográfico, literário e jornalístico, mas se incorporam às falas cotidianas dos habitantes. Dentre uma multiplicidade de discursos efetivamente existentes, há um discurso histórico e cultural nativo, elaborado pelas elites, que pretende fixar as categorias históricas locais, ao mesmo tempo em que absorve e tenta integrar os outros diferentes sujeitos que vão se constituindo na cidade.²⁷

A cidade conseguiu realizar um crescimento econômico e demográfico ordenado, sem grandes problemas com disputas po-

²⁶ ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. Revista *História e Perspectivas*, (4): p. 79-102, Uberlândia, 1991.

²⁷ *Ibidem*, p. 80.

líticas institucionais como aconteceram em outros centros urbanos. Foi apenas em fins da década de 70 e início da década de 80 que surgiu uma nova elite política organizada capaz de concorrer no plano político institucional com a elite mais antiga da cidade. Com o rápido processo de urbanização, surgiu um projeto político partidário ligado ao PMDB. Em 1983, esse partido conseguiu eleger o prefeito Zaire Rezende, que teve como um dos principais pilares em sua ação política a idéia da democracia participativa. Esse novo grupo político auto-considerado de centro-esquerda passou a alternar com a elite política tradicional importantes cadeiras na câmara dos vereadores e alguns mandatos de prefeito. Quando eleitos na primeira gestão, criaram inúmeras Associações de Moradores, implantando uma política participativa na cidade. Em 1978, algumas populações periféricas já começaram a se organizar em Associações de Moradores. Elas surgiram em certos conjuntos habitacionais por exigência de órgãos financiadores. Outras foram criadas por organizações de base da Igreja ou por incentivos de partidos políticos de esquerda interessados em organizar suas bases eleitorais como o PT, PDS e PDT. Até as eleições de 1982, haviam sido formadas onze Associações de Moradores. Após a posse do prefeito Zaire Rezende, o número aumentou para 32.²⁸

Em meio a esse cenário político, surgiu a Associação de Folias de Reis de Uberlândia que, em 1986, com apoio da Secretária Municipal de Cultura, foi reconhecida como utilidade pública (Lei número 4358 de 24/06/1986). A prefeitura fez a doação de uma área para a construção da Capela dos Santos Reis.

A Associação das Folias de Reis de Uberlândia foi criada no ano de 1985, com o objetivo de preservar a tradição e os valores culturais do município, consolidando a existência de cerca de 40 grupos de

²⁸ ALVARENGA, Nízia Maria. Movimento popular, democracia participativa e poder político. Uberlândia. 1983/88. Revista *História e Perspectivas*, (4): p. 103-129, Uberlândia, 1991.

folia, através de um estatuto aprovado no recinto da Secretaria Municipal de Cultura, no dia 23 de abril do mesmo ano: [...] Hoje, 23 de abril de 1985, estamos aqui para se tratar da aprovação do estatuto da Folia de Reis de Uberlândia.²⁹

Segundo o presidente da Associação, a idéia para a sua criação foi de uma pessoa chamada Fernando, funcionário da Secretaria de Cultura. Da mesma maneira como foram criadas inúmeras Associações de Moradores, o então prefeito Zaire Rezende criou, em 1984, a Secretaria Municipal de Cultura, com objetivo de gerar novos mecanismos participativos para a produção cultural da cidade.

Com esse processo de burocratização das folias de reis, a Secretaria de Cultura apoiou por vários anos, por meios de subvenções anuais, a Associação das Folias de Reis da cidade. Entretanto, historicamente, essa subvenção nem sempre foi garantida. Como diz o historiador Abreu:

No que tange à gestão de Zaire Rezende, parece, pelas palavras do presidente desta Associação de Folias de Reis, Sr. Alair José Rabello, que o apoio foi mantido, só quebrado nas outras administrações posteriores, talvez pela crise econômica que teria assolado o país e afetado os recursos municipais que, nestas circunstâncias e também por opções políticas, têm aplicado suas verbas em outros projetos, que muitas vezes rendem mais apreciação e dividendos eleitorais.³⁰

Mesmo na gestão mais recente do PMDB, entre os anos de 2000/2004, com Zaire Rezende novamente na prefeitura, a Associação de Folias de Reis de Uberlândia também não recebeu a subvenção por falta de prestações de contas, segundo a então secretária de cultura, Lídia Meirelles, do PT. Na gestão atual da

²⁹ Ata da primeira reunião da fundação da Associação da Folia de Reis, em 23 de abril de 1985. p. 1. Cf. ABREU, Mauro W. *Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares estranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia (1980/1997)*. (Monografia em História) – DEHIS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999, p. 49.

³⁰ *Ibidem*, p. 53.

prefeitura (2005/2008), com o prefeito Odelmo Leão Carneiro, político ligado à elite tradicional da cidade, a atual secretária Mônica Debs apresentou, no 1º Simpósio de Arte e Produção Cultural de Uberlândia, na mesa redonda “Cultura e Políticas Culturais”, alguns números sobre a Secretaria Municipal de Cultura. Quando ela descreveu as associações culturais que são apoiadas por meio de subvenções, não foi mencionado o nome da Associação das Folias de Reis como associação que possui direito à subvenção.

Um quadro da própria Secretaria de Cultura demonstra quais anos e quanto a Associação das Folias de Reis recebeu nos últimos anos.

Subvenção da Associação das Folias de Reis de Uberlândia

1995	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
19.000	10.251,60	11.000	4.312,50	4.312	5.262	10.000	Não recebeu

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia

Se for comparada a subvenção doada pela prefeitura para a Associação das Folias de Reis com a doada à Irmandade N. S. do Rosário e São Benedito, ligada aos ternos de congado, percebe-se que até 1998 houve certa equivalência dos recursos doados para as duas instituições, mas nos anos posteriores houve uma enorme diferença dos valores doados. A Irmandade de N.S. do Rosário e São Benedito tem um estatuto desde 1916. Com o surgimento da Secretaria Municipal de Cultura na primeira gestão de Zaire Rezende, a Irmandade também foi vinculada como utilidade pública sem fins lucrativos.

Irmandade N. S. do Rosário e S. Benedito

1995	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
19.000	10.251,60	11.000	8.625	8.625	23.670	32.000	47.560

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia

De acordo com os dados apresentados acima, a partir de 1999, a irmandade ligada ao congado começou a receber o dobro de verbas, até que, em 2001, esse número tornou-se mais de quatro

vezes maior. Segundo funcionários da Secretaria Municipal de Cultura, esse crescimento da subvenção dos congados ocorreu devido à pressão dos negros uberlandenses que, por meio de mobilizações, conseguiram aumentar suas subvenções. É importante ressaltar a criação da Coafro — Coordenadoria Afro — como um órgão importante para o movimento político dos negros uberlandenses, que se tornou uma forte parceira da gestão da festa do congado e dos ternos. Alguns integrantes da Coafro — como Jeremias Brasileiro, historiador que escreveu um livro sobre o Congado em Minas Gerais, o capitão Ramon, do Moçambique de Belém, e o vereador Xuxa, capitão do Marinheirão do bairro Tibery, dentre outros políticos ligados ao movimento negro de Uberlândia, utilizam de uma maneira bem efetiva o campo da política institucional para o fortalecimento da infra-estrutura da festa nos últimos anos.

Toda essa movimentação política fez com que ocorresse um grande aumento no número dos ternos de congado, além da grande visibilidade que a festa tem em toda a cidade, com propaganda na televisão, grandes cartazes, fechamento das ruas centrais nos dias de encerramento e construção de camarotes da prefeitura para autoridades. Diferentemente das folias de reis, as festas de congados são realizadas no centro da cidade e levam um grande número de pesquisadores, curiosos e demais pessoas ligadas direta e indiretamente com a religiosidade dos santos de louvor.

As associações e os encontros de Folias de Reis em Uberlândia (MG)

A sede da Associação das Folias de Reis está situada na capela de Santos Reis. Desde 2004, o presidente da associação reside numa pequena casa dentro do terreno da capela, junto com sua esposa e secretária da associação, dona Mariinha. Segundo o casal, muitas pessoas moraram lá, mas não cumpriam com a obrigação de zelar pela capela. Com eles mais próximos, seria mais fácil zelar pelo espaço bem como fazer novas melhorias. Mesmo sem as subvenções da prefeitura, seu Alair fez, nos últimos anos, inúmeras reformas na capela: colocou cerâmica no piso,

que era bastante escorregadio; construiu um fogão à lenha fora do espaço do barracão para aliviar o forte calor provocado pelo preparo da comida; colocou exaustores no barracão, também para aliviar o calor gerado pelas telhas do tipo Eternit® e pela multidão de devotos que almoçam nesse local. Repintou as paredes com fotos de santos e também reformou a lapinha.

Segundo o presidente, todas essas reformas foram realizadas com recursos próprios, obtidos com sua aposentadoria, com a arrecadação dos encontros, com a ajuda da comunidade e de algumas folias de reis. Portanto, mesmo sem a subvenção da prefeitura, é importante ressaltar que inúmeras obras e reformas são realizadas na capela por meios não institucionais.

Os cargos na Associação das Folias de Reis são semelhantes aos demais cargos de qualquer associação: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 3º secretário, 1º tesoureiro e 2º tesoureiro, e três ou quatro conselheiros. De acordo com o estatuto da associação, as eleições são realizadas de três em três anos. Seu Alair só não foi presidente da associação em uma gestão, devido a um derrame cerebral que sofreu. Na ocasião, 10/07/94 até 15/06/97, sugeriu que o capitão Lindomar assumisse a presidência. Nesta gestão, ele foi vice-presidente.

A associação, atualmente, possui mais de 40 folias de reis registradas. Muitas foram registradas há vários anos e nem frequentam mais a capela. Algumas provavelmente foram desfeitas. Entretanto, outras folias não registradas visitam a capela nos encontros realizados no começo do ano e nos dias das mães. Apesar de o presidente contar com o apoio da maioria dos foliões que frequentam a capela, alguns contestam sua postura dizendo que ela é autoritária e de centralidade. Um caso está registrado inclusive nos livros de ata da associação: “Sr. Belchior dos Reis pediu esclarecimentos sobre decisões, ficou conscientizado que decisões só se toma perante uma assembléia, neste dia foi concretizado que a associação não pode ter um presidente perpétuo”.³¹

³¹ Ata da Associação das Folias de Reis de Uberlândia, 23/05/91, p. 36.

Outro caso relatado nos livros de atas de 1991 e na memória dos foliões, que culminou na formação de outra associação na cidade — a Associação Caminhos de Belém — foi o desentendimento de seu Alair e do então tesoureiro Márcio Martins Ferreira. Desde 2002, essa associação recebe anualmente subvenção da prefeitura. Com o tempo, o próprio capitão Márcio, que teve desavenças com seu Alair, frequenta assiduamente a capela e canta junto com o presidente na folia dos capitães, montada para o ritual da passagem das coroas. Por sua vez, seu Alair visita, com sua folia, em dias de “giro” a capela do capitão, retomando assim os laços de amizade.

Mesmo com alguns pequenos conflitos próprios de uma função pública, de maneira geral, seu Alair é visto como um excelente presidente, principalmente após o derrame que sofreu quando passou a dedicar sua vida exclusivamente à associação e à capela. Sua cura é atribuída a um milagre realizado pelos Santos Reis. Ele ficou seis meses na cama. Um certo dia, levantou depois que os Reis Magos desceram do quadro fixado na parede do seu quarto.

Nisso eu olhei pra lá tava os Três Reis descendo do quadro. Ficou José, Maria, o menino Jesus e a Estrela. O resto das coisas ficaram todos lá, no quadro. E o Rei Beichior, Rei Gaspar, Rei Baltazar tavam descendo. Quando saíram do quadro, viravam uma pessoa, sabe! O outro saía do quadro virava uma pessoa. Aí vieram os Três, um sentou na minha frente, outro sentou assim de lado, nas minhas pernas e outro mais nos pés.³²

Em Uberlândia, os encontros de folias de reis são produzidos desde 1986. Surgiram logo após a criação da Associação das Folias de Reis de Uberlândia e a aquisição do terreno para a construção da capela dos Santos Reis. A produção desse evento é encabeçada desde sua primeira versão pelo presidente da associação e por outros membros, principalmente aqueles ligados à

³² Entrevista realizada na casa dele no dia 3/1/2000.

diretoria. Festeiros, alguns devotos e algumas folias de reis também possuem um papel fundamental na realização dessas festas. Anualmente, ocorrem dois encontros: no primeiro domingo de janeiro e no dia 6 desse mês e no segundo domingo de maio, dia das mães. Mas a capela é utilizada o ano inteiro por foliões, festeiros e devotos que desejam realizar alguma cerimônia para os Santos Reis.

A sua organização demanda principalmente alimentos e materiais de preparação das refeições, pois são realizados almoços e “jantas” gratuitos nos dias de festa. Para que a quantidade de alimentos seja suficiente, os organizadores do encontro pedem às folias de reis associadas que façam uma jornada na casa dos moradores devotos para que esses doem os alimentos, além de dinheiro e outros tipos de mantimentos. Nem todas as folias associadas fazem as jornadas. É mais comum, como em outros encontros, que as folias ligadas à diretoria da associação façam esse trabalho.

Alguns moradores devotos nem chegam a esperar as folias de reis em suas casas. Eles vão diretamente à capela a fim de doar algum mantimento. Esse é o caso do devoto João Cardoso, que fez um voto para os Santos Reis e doou todo o macarrão utilizado na festa, alguns anos atrás:

Eu dei uma tal de seborréia na cabeça, não tinha nada que curava, aí eu deitei na cama e pensei: gente, Santos Reis podia me indicar uma coisa, uma pessoa ou um remédio para eu colocar na minha cabeça e acabar com esse troço, porque era caspa que você tinha vergonha de chegar perto dos outros, era uma doença. Aí eu tava sentada aqui [na porta da casa dele] e passou uma vizinha que me perguntou: “Você sarou esse negócio na sua cabeça?”, eu disse: “Não”. Ela falou: “Vai no doutor Vanderlei que é batuta, meu filho deu isso e ele curou”. Aí eu fui e ele curou. Eu acredito que seja uma luz dele [dos Santos Reis].³³ Aí na festa lá na Igreja dos Santos

³³ É bastante comum os devotos e foliões chamarem pelos Santos Reis no singular.

Reis eu combinei com o pessoal da Associação que o macarrão todo da festa era por minha conta.³⁴

Na hora do almoço gratuito, havia na rua da capela uma fila imensa que chegava até a esquina do quarteirão. Os momentos do almoço e da janta são os mais movimentados. É certo que muitas pessoas vão à festa apenas para se alimentar, visto que o bairro em que está situada a capela e os bairros do entorno são habitados por pessoas de classes populares. Muita gente pobre aproveita a oferta para economizar na alimentação, levando vasilhas para colocar uma quantidade maior de alimentos que servirá à toda família. Esses momentos de almoço e janta geram situações de conflito entre os organizadores da fila e essas pessoas. Ainda em 2004, enfrentando esses problemas, os organizadores, nervosos, gritavam para o pessoal da fila pegar a comida rapidamente e ceder lugar aos próximos. Alguns capitães até chamaram a atenção desses organizadores para que se acalmassem, já que eles estavam desrespeitando muitas pessoas, inclusive alguns idosos.

Apesar de a associação não receber o benefício anual desde 2002, muitas autoridades, como vereadores, prefeitos, funcionários da Secretaria de Cultura, comparecem no evento. Os festeiros também são incumbidos de angariar alimentos, mantimentos e dinheiro. Muitos convidam folias para ajudar nessa função, sendo o papel dessas os mesmos das folias associadas: sair em jornadas pelas casas dos devotos para obter a ajuda. Alguns festeiros também ajudam na festa com recursos próprios, além de desempenhar diversas funções nos dias dos encontros.

O espaço ritual da festa compreende parte da rua da capela, a própria capela e, no momento da procissão, algumas ruas próximas. Na frente da capela situa-se um pequeno comércio ambulante com algumas barracas vendendo comidas, bebidas, quadros de santos, quadros de artistas pop e produtos pessoais como re-

³⁴ Entrevista realizada na casa do devoto João Cardoso, no dia 14/09/2004.

lógios, bonés, brinquedos, CDs piratas, etc. Esse também é o local onde as folias se preparam e iniciam as cantorias.

A capela pode ser dividida em três partes: a frente, o barracão e a nave. Na frente ficam os três arcos, onde as folias e alguns acompanhantes passam cantando para entrar na nave. Esse local é demarcado com algumas fitas coloridas que separam o espaço sagrado do profano da mesma maneira que em Romaria. A nave da capela é um cômodo pequeno e muito importante para a festa. É nesse local que geralmente se dá o desfecho dos rituais sagrados, como a entrega das folias na lapinha, a “passação” das coras pelos festeiros, a saída e chegada da procissão, o cumprimento de votos e as relações de troca entre devotos, folias de reis e santos reis. O lugar fica repleto de pessoas do começo ao fim da festa. Muitas delas se emocionam bastante quando vêem uma folia de reis cantando na lapinha ou cumprem votos se transformando momentaneamente em alferes.

O processo ritual das folias de reis, no encontro em Uberlândia, é dividido em dois momentos: a passagem pelos arcos e a cantoria na lapinha. As folias iniciam a cantoria na porta da capela. É uma prática comum de muitas folias “pegar emprestado” foliões de outras companhias para preencher alguma voz ou instrumento que falta. Como se vê, há aqui também uma forte evocação de um princípio de reciprocidade entre as companhias. As folias cantam alguns versos antes de avançar pelo primeiro arco. Na medida em que as folias seguem cantando pelos arcos, diversas pessoas de todas as idades fazem a “beijação” da bandeira: ajoelham-se e beijam-na, e costumam ficar observando e comentando o desempenho dos foliões. Quando uma folia chega ao terceiro arco, que fica na porta da nave, ela pára e aguarda a folia que canta na lapinha finalizar o seu canto. Só depois ela entra e canta dentro da igreja. Nesse momento, algum festeiro ou devoto pega a bandeira, enquanto outras pessoas vão beijá-la. Recomeçando a cantoria, um dos ajudantes da festa traz um microfone, que é dividido entre o capitão e os foliões das respostas.

Muitas pessoas aguardam as folias dentro da nave. Esse espaço é quase todo ocupado por idosos que rezam copiosamente

enquanto elas passam. O presidente segue na frente, logo atrás vêm os festeiros com a bandeira, depois as folias de reis e alguns acompanhantes. Quando elas chegam à lapinha, algumas pessoas choram bastante. Esse é um momento muito emocionante e especial para os devotos, que agradecem os votos recebidos e/ou fazem novos pedidos aos três Reis Magos, ao som da música das folias de reis e da oração das pessoas no presépio. No fim da cantoria, as bandeiras são colocadas na frente da lapinha, junto com as outras bandeiras das folias que já haviam se apresentado. Muitos “vivas” são proclamados pelo capitão e outros presentes, saudando a folia, o capitão da folia, o devoto que alcançou a graça, os festeiros, o presidente, Santos Reis, Nossa Senhora e outros santos, evocando no local um sentimento de “pertencimento” coletivo e felicidade.

Referências

ABREU, Mauro W. *Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares estranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia (1980/1997)*. Dissertação (Monografia), DEHIS/UFU, Uberlândia, 1999.

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, 1991.

ALVARENGA, Nízia Maria. Movimento Popular, Democracia Participativa e Poder Político Local: Uberlândia 1983/88. *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, 1991.

AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à Brasileira: Sentidos do Festejar no País que “não é sério”*. São Paulo: e-Books Brasil, 1998.

ASSOCIAÇÃO DA FOLIA DE REIS. Ata da primeira reunião da fundação da em 23 de abril de 1985. Uberlândia, 1985.

ASSOCIAÇÃO DA FOLIA DE REIS. Ata da reunião realizada no dia 23

de maio de 1991. Uberlândia, 1991.

BONESSO, Márcio. Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FAFICH/UFSCar, São Carlos, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1986.

BRANDÃO, C. R. *O Divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1975.

_____. *A Folia de Reis em Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os Sentidos do Espetáculo. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, vol. 45, n. 1, 2002.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e Liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Revista Mana*, n. 6, Rio de Janeiro, 2000, p.7-30.

DUARTE, A. H. S. D. *Ex-votos e Poesis: Olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais*. Uberlândia, dissertação (mestrado), DEHIS/UFU 2003.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FONTOURA, S. M. e at al. *Em Nome dos Santos Reis: um estudo sobre as folias de reis em Uberaba*. Vol.1. Uberaba: Arquivo Público, 1997.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

MARRA, Fabíola Benfica. *Práticas do catolicismo popular em Romaria*. Uberlândia, monografia (graduação) FAF CIS/UFU 2002.

MICHELOTO, Antônio Ricardo. *Catolicismo e libertação dos setores subalternos*. São Paulo, Tese (doutorado), PUC/São Paulo, 1991.

MONTES, Maria Lúcia. O erudito e o que é popular ou escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa. *Revista de antropologia*, USP. Dezembro/Feveiro 1996/97.

PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA E SOUZA, Geovane. *Religião e organização do espaço em um centro de peregrinação: o caso de Romaria (MG)*. Uberlândia, dissertação (mestrado), DAGEO/UFU, 2002.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. *O Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIEIRA, Padre Primo Maria. *Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja*. Romaria: Academia N. S. da Abadia, 2001.

VIEIRA, Monsenhor Primo. *Nossa Senhora d'Abadia: a história de uma devoção*. Romaria: Academia N. S. da Abadia, 2001.